

Afif pode vir a passar Brizola



O deputado Guilherme Afif Domingos poderá nas próximas três semanas ultrapassar o ex-governador Leonel Brizola e garantir o segundo lugar nas pesquisas sobre intenção de voto para a eleição do sucessor do presidente José Sarney. O

avanço seguro, lento mas consistente de Afif, mais que a queda renovada de Collor de Mello, é a novidade insinuada pelos que se ocupam em analisar os movimentos eleitorais subterrâneos.

Na pesquisa promovida pelo Ibope, o candidato do PL cresceu dois pontos e encostou nos candidatos Paulo Maluf e Luís Inácio Lula da Silva. Descontada a margem de erro de 3%, Afif, Maluf e Lula ficaram empatados no terceiro lugar. Os três apareceram no terceiro lugar na pesquisa do instituto DataFolha, do jornal *Folha de S. Paulo*. Mas é na pesquisa do Gallup, divulgada hoje por outros jornais, que Afif acentua sua ascensão.

Ele dá um salto de mais de três pontos e assegura o terceiro lugar na frente de Maluf e de Lula. Os institutos de pesquisas travam uma batalha particular para ver quem registra primeiro a ocorrência de fatos importantes no transcorrer da campanha eleitoral. O Ibope saiu na frente quando anotou a disparada de Collor no gosto popular ali em meados de maio último. Os demais institutos confirmaram, mais tarde, o que o Ibope antecipara.

Foi o pouco conhecido mas não menos sério instituto mineiro Sensus quem detectou há 15 dias o início do declínio de Collor nas classes sociais C, D e E — as mais pobres e menos instruídas e que somam, juntas, mais de 70% do total do eleitorado. Collor vinha caindo nas classes A e B — mas o estado de saúde da candidatura dele não inspirava cuidados. Desde então, passou a inspirar.

A partir das pesquisas divulgadas nesta semana, Collor tem razões de sobra para se preocupar com um fantasma que jamais imaginou que poderia um dia bater à sua porta: o fantasma da exclusão dele do segundo turno da eleição. A continuar caindo na proporção verificada ultimamente, Collor passará à história da sucessão de Sarney como o Jânio envernizado — mas que não teve votos para vencer.

As pesquisas a serem aplicadas nas próximas três semanas dirão se Collor é um caso perdido de candidato ou de candidato que se perdeu — ou se de fato ele poderá vir a garantir sua participação na fase final da eleição. O voto que se declara favorável a ele é um voto fluido, às vezes envergonhado. É expressivo o número de eleitores que oferecem como motivo para a opção por Collor a impressão que têm de que ele será vitorioso.

A aura de invencibilidade do candidato do PRN está se dissipando. Com ela, poderá se dissipar, também, o voto oportunista que não quer perder com Collor. No rastro do desastre anunciado mas sujeito, ainda, a confirmação, desponta o candidato que tem a pretensão de vir a ser apontado como o Collor que deu certo. Afif não está tomando, necessariamente, os votos que abandonam o candidato do PRN à presidência da República.

A maioria dos eleitores insiste em informar aos pesquisadores dos diversos institutos que ainda não tem candidato à eleição de novembro. É previsível que até aumente o número de eleitores indecisos por conta do início do horário gratuito da propaganda eleitoral no rádio e na televisão. O Instituto Bonilha, do Paraná, por exemplo, concluiu, anteontem, sua mais recente pesquisa sobre intenção de voto em Curitiba e arredores.

Além de registrar uma nova queda no percentual de votos de Collor, o Bonilha descobriu que o número de eleitores indecisos passou, ali, de 28% para 34% nos últimos 10 dias. Há votos disponíveis o bastante no mercado eleitoral do país para mudar, radicalmente, as chances dos candidatos à vaga de Sarney. Ampliou-se o leque de alternativas possíveis. O grau de imprevisibilidade da eleição está sendo ampliado.

Mesmo assim, é possível enxergar o time dos candidatos que poderão se credenciar para concorrer ao segundo turno da eleição. Collor ainda faz parte do time. Brizola tem lugar garantido no time. Afif, Lula e Covas completam a escalação dele. Maluf está no banco de reservas para a eventualidade de ser convocado. Os demais estão fora do jogo. Que fará a esquerda se a partida final for disputada por Afif e Collor?

Pais e filhos

Há três ou quatro meses, o empresário Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, chegou a cogitar de apoiar a candidatura do senador Mário Covas à presidência da República. Desistiu, mais tarde, e aderiu à candidatura de Collor de Mello. Pode não gostar da candidatura de Afif Domingos — mas o filho dele, gosta. O também empresário Rogério Amato é um dos tesoureiros da campanha de Afif.

Conselheiro

Carlos Augusto Montenegro, um dos diretores do Ibope, acha que ainda é cedo para que se conclua que Collor de Mello está em queda livre nas pesquisas sobre intenção de voto. Montenegro aconselhou o candidato a dedicar mais tempo à caça ao voto em São Paulo e Minas Gerais. Collor acatou o conselho.

Ricardo Noblat